

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
 (1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
 (1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Tácito Lopes Costa

José M. Homem de Montes

Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Editor Chefe

Celso Kinjo

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Orlando Marques

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Explicando o Brasil Novo

Em conversas com jornalistas brasileiros em Washington, a ministra Zélia Cardoso de Mello classificou como "pedagógico" o paciente trabalho que ela e seus assessores estão empreendendo para tentar explicar aos dirigentes das instituições internacionais de crédito e altos funcionários dos governos ocidentais a posição brasileira em relação ao pagamento da dívida externa, especialmente dos atrasados junto aos bancos privados.

"O Brasil quer, mas não pode pagar sua dívida externa nos termos do acordo celebrado pelo governo passado, em 1988" — tem repetido didaticamente a ministra como argumento para justificar a posição adotada pelo governo Collor de não assinar um acordo que não possa realmente cumprir.

O mesmo vocábulo "pedagógico" serve também, com maior propriedade até, para definir a missão que o presidente Fernando Collor de Mello está desenvolvendo nos Estados Unidos desde sábado passado, cujo ponto principal foi o discurso pronunciado segunda-feira na abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

"Em estreita sintonia com as tendências mais positivas da história contemporânea, o Brasil passa por profundas transformações que o colocam na reta da democracia absoluta e definitiva, da abertura econômica e da justiça social. Eleito por meus concidadãos, no mais livre dos pleitos de nossa história, assumi amplas responsabilidades pessoais e políticas perante os 150 milhões de brasileiros. O mandato que me conferiu o povo é o de promover a rápida modernização e plena integração do País na economia internacional, para torná-lo mais competitivo e para que sua gente alcance os níveis de bem-estar a que seu talento e operosidade lhe dão direito" — disse o presidente em seu pronunciamento, resumindo o objetivo real de sua viagem, qual seja: o de mostrar que o Brasil mudou, que o País, hoje, é muito diferente daquele dos tempos dos presidentes Figueiredo e Sarney, dois presidentes que também tentaram o reconhecimento internacional com um discurso de

O que o presidente Collor pretende, assim como a ministra Zélia e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, em suas conversas durante a reunião anual do FMI, é que os fóruns internacionais e os dirigentes das nações desenvolvidas reconheçam essa nova realidade: que há no Brasil um governo que tem respaldo da população e que tem coragem de tomar as decisões, sejam elas quais forem. Quando Figueiredo e Sarney falavam em integração com o mundo desenvolvido, eles estavam apenas anunciando uma intenção que não se realizava na prática. Quando Collor diz a mesma coisa, ele o faz amparado num programa de estabilização econômica irrepreensível e em medidas concretas de modernização e internacionalização da economia brasileira.

As diferenças são marcantes até no estilo e no comportamento público: basta comparar as numerosas e festivas caravanas turísticas que Figueiredo e Sarney montavam para acompanhá-los em suas viagens ao Exterior com as diminutas e discretas delegações que acompanham o presidente Collor na ONU e a ministra da Economia no FMI.

E foi em nome dessas diferenças, dessa autoridade reconquistada e legitimada, que o presidente Collor criticou em seu discurso determinadas posições das nações desenvolvidas, em questões como a do acesso às tecnologias mais avançadas, do tratamento do problema do meio ambiente, da dívida externa e das políticas protecionistas que ainda vigoram nos países ricos. O Brasil, e esse é o recado mais importante contido no pronunciamento presidencial, está fazendo o possível para sepultar seus erros do passado e quer ter esse esforço desconhecido, quer ser tratado de forma diferente.

Como disse a ministra Zélia ontem na Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos em Washington, "meu país recuperou a confiança no futuro e espera poder compartilhá-la com os que se dispõem a olhar adiante com determinação de trabalho e espírito renovador".